

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Dezembro de 2011

**PEDRO TAMEN, *DELFIUS OPUS 12***  
**— DA LIRA ANTIGA, UMA VOZ ACTUAL**  
**II**

O poema 7, que é central no livro, define as qualidades do deus, que se situa no ônfalo. Em Delfos existe uma pedra que simboliza o centro do mundo:

*Seio, centro, nó: lugar  
da ligação e em que o contrário  
une. Tal como aquele  
que aqui te conquistou.*

*Guardador de rebanhos, amigo das ovelhas  
mas dos lobos. Senhor e escravo.  
É ele o curandeiro, mas também  
o que da morte zunia as doces flechas.  
Amador de mulheres que não o queriam  
e dos jovens mortos por acaso.  
O tocador de lira, o que aceitou a flauta.  
Conquista o seu desejo e dele  
a negação. Claro e turvo.  
O que gerou enganos  
nas linhas rectas  
em que escreveu oblíquo.*

*Lugar de alto e baixo,  
largo e estreito,  
negro e branco,  
lugar e não lugar,  
a perdição achada. (R. M., p. 527)*

Tal como os deuses ctónicos que o precederam, Apolo apresenta características bipolares: é o deus da luz, mas também é o Lóxias, herdeiro

das profecias obscuras. O seu oráculo é o mais importante de todo o mundo grego e assim se prolonga no mundo romano. Nenhuma decisão política é tomada, sem que o oráculo, pela voz da pitonisa, seja consultado.

Apolo é também o deus da medicina, mas foi ele que enviou as setas que provocaram a peste aos exércitos gregos, no início da *Ilíada*. Apolo é o deus que, apesar da sua beleza, não conquista as suas (nem os seus) amantes, que morrem ou se transformam em plantas quando dele fogem. *Conquista o seu desejo e dele/a negação*, como afirma o Poeta. E, na obscuridade das respostas proféticas, pode precipitar os homens na sua própria perdição.

Referindo-se a Hölderlin e ao encontro (epifania), na obra deste Poeta, entre os deuses e os homens, Roberto Calasso refere esta problemática:

*O lugar em que vivemos é a terra de ninguém onde se cumpre uma dupla traição, uma infidelidade: dos deuses em relação aos homens e dos homens em relação aos deuses. E nesse lugar deverá agora desenhar-se a palavra poética.*<sup>1</sup>

A palavra poética como que renasce, coincidindo com o nascimento do deus, que o Poeta retoma no poema 8. Em Delos, os nascimentos e as mortes tinham sido proibidos, para que o tempo como que fosse abolido, ascendendo a uma sequência contínua e intemporal, aberta para a eternidade:

*Quando souberes agora que é atrás da linha  
dos montes núbéis que se ergue o sol,  
do mesmo passo sabes que esses montes  
refazem a palmeira inicial, na rocha replantada,  
figurando o lugar de nome repetido  
de nenhum parto outro, ausente morte:  
vasta bacia para a eternidade.* (R. M., p. 528)

No *Hino Homérico* que lhe é dedicado, os próprios devotos que assistem ao seu festival iónico em Delos parecem participar dessa imortalidade:

*Diria que não hão-de conhecer nunca a velhice nem a morte  
quem encontrasse os Iónios, quando estão reunidos.*<sup>2</sup>  
(*Hino a Apolo* 161-152)

<sup>1</sup> Roberto Calasso, *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>2</sup> Maria Helena da Rocha Pereira, *Op. Cit.*, p. 90.

No poema 9, é recriada a relação da pitonisa com o deus. Não se trata de uma possessão amorosa, mas de uma indução de um estado de transe mediúnico. Esta face insondável é a mais misteriosa e a mais marcante do seu culto:

*Ao possuí-la, a boca treme e fala  
Do seu senhor as palavras rugidas,  
Não soltas da paixão, não do amor saídas,  
Mas com sentido mais do que só cala.  
Morse ventoso e fumos do Oblíquo,  
Verdade aberta no fechado logro,  
Encruzilhada num só caminho exíguo,  
discurso de metade mas do dobro. (R. M., p. 529)*

De notar que as características do estado de possessão são a boca a tremer, as palavras que se adivinham inarticuladas, o rugido que o deus lhe sussurra e o sentido obscuro que mais se adivinha e que é preciso ler ou decifrar, sobretudo no não dito, num discurso codificado, enquanto a pitonisa é envolta nos fumos do deus que lhe revela a verdade num discurso ambíguo de Lóxias, o (*Oblíquo*).

A voz rouca, característica dos estados de mediunidade, é referida por Platão e Plutarco, como traço do entusiasmo, palavra cujo significado etimológico é possessão pelo deus<sup>3</sup>.

O objectivo das perguntas implica sempre uma tomada de decisões difíceis, como a referida encruzilhada, que paradoxalmente se situa num *caminho exíguo*, no qual apenas metade é dito e por revelar fica mais que o dobro.

No poema 10, o Poeta regressa a Geia, a deusa primitiva da Terra que o deus, agora com o epíteto de *Brilhante*, usurpou, e à castração de Úrano, de cujo sangue nasceram as Fúrias, chamadas *ferozes guardadoras da palavra*, que ciosamente guardam. À luz das chaves que o autor nos fornece para a leitura deste livro, as Fúrias pertencem ao mundo do negativo e do impuro, por isso bloqueiam o acesso à palavra que será restabelecido no poema seguinte.

No poema 11, a partir de uma inscrição de Delfos: «Penetra de alma pura no templo do deus puro.», o dom de purificação de Apolo, é enunciado o

<sup>3</sup> E. R. Dodds, *Op. cit.*, p. 84.

resgate da palavra às Erínias (Fúrias). Neste poema é expresso o ideal grego de pureza e saúde que o deus da medicina detém e que constitui um dos emblemas mais paradigmáticos da cultura grega, cujo expoente é este deus.

O resgate da palavra implica também o restabelecimento do bem. Segundo Walter Burkert, foi, através das prescrições cultuais emanadas de Delfos, que se tornaram visíveis, pela primeira vez, os contornos de uma moral universal, superior a interesses tradicionais e de grupo. O facto de o homicídio ter passado a exigir castigo, e de ter passado a ser possível ultrapassar a culpa mediante expiação foi algo que se acentuou e confirmou a partir de Delfos. No próprio mito, Apolo submete-se a esta lei. É banido do Olimpo após ter massacrado os Ciclopes e é obrigado a deixar Delfos depois de matar a serpente Píton. Para se redimir deste acto, busca a purificação no distante vale de Tempe, na Tessália.<sup>4</sup>

No poema 12, como a nota do autor esclarece, é recriado o nascimento do mito de Castália, a camponesa que se afoga na corrente, para salvar o seu pudor, fugindo da perseguição do deus, e que passa a perdurar como símbolo da pureza e da poesia.

No poema 13, outra faceta do mito de Apolo é recriada, a de Dafne, a jovem que se transforma em loureiro, para escapar aos avanços do deus, e cujas folhas se passam a tornar símbolo do deus. No culto, o advento de Apolo é representado através do transporte de um ramo de loureiro para o santuário, nas festas que têm o nome de Dafnefórias.<sup>5</sup>

No poema 14, é o Hélicon, o monte onde vivem as Musas, filhas da Memória (Mnemósine) e de Zeus, que é convocado. Apolo é o seu chefe, *Musagétes*<sup>6</sup>. Elas são detentoras dos atributos da noite e do dia: *juntam as faces brancas/à negrura das tranças*, articulando, na sua dança, numa polaridade dialéctica, a força da luz e o poder das trevas:

*Os pés batem na terra, pisam a erva dócil*

*E uma só voz se ergue*

*Atrás da branca lira com que a luz*

*Vai perfurando a noite. (R. M., p. 534)*

---

<sup>4</sup> Walter Burkert, *Op. Cit.*, p. 293.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 291.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 292.

Apolo, deus da poesia e da música, é o inventor da lira, mas convive com os tocadores de flauta, os pastores e é o deus da loucura profética, inspira a chamada *mediunidade apolínea* cujo objectivo é o de conhecer o futuro, bem como os segredos ocultos do presente<sup>7</sup>. Com as Musas partilha as instâncias da luz, da beleza e do bem, como expressa no poema 15:

*Elas contam o mundo com os seus corpos.  
Não dançam bem apenas, enchendo de alegria  
os Imortais: dançam o bem, ou este  
é a mesma dança. Indestrinçável  
do que a beleza é, além  
da que os homens conseguem.* (R.M., p. 536)

O poema aponta para as festas, realizadas em sua honra que reuniam a Grécia. Pela partilha poética, o homem ascende a estâncias superiores, aproximando-se do mundo dos deuses: *A renovação pura e jovial durante a reunião anual, a expulsão do mal pelo canto e pela dança e a imagem do deus protector com a sua aljava de setas podem ser reunidas numa mesma visão. O facto de daí ter surgido uma imagem unificada deve-se, porventura mais do que nos outros deuses, à poesia.*<sup>8</sup>

No poema 16, os elementos da terra: *a pedra áspera, o tojo*, e as divindades a ela ligadas, como o deus Pan, interseccionam-se com a transcendência no auge do seu *ponto e ouro*.

No poema 17, o Poeta alude ao encontro/desencontro entre Antínoo e o Imperador Adriano e à problemática subjacente, que envolve esta morte, de alguma forma relacionada com Delfos, tal como a nota fornecida pelo Autor esclarece.

Antínoo morrera afogado no Nilo, nunca tendo ficado esclarecido se se tratou de um simples acidente náutico ou se Antínoo se terá suicidado, com fins místicos, a fim de favorecer o Imperador Adriano. Este misterioso acidente constituiu um duro golpe para o Imperador, que assistiu, impotente, ao desfecho deste: *destino apenso à solidão dos ossos*.

A relação com Delfos não é clara, mas são referidas, nas fontes antigas, as consequências negativas que as pitonisas sofriam quando eram porta-voz de notícias funestas. Plutarco relatou um caso de uma pitonisa que entrou em

<sup>7</sup> E. R. Dodds, *Op. cit.*, 1988, p. 80.

<sup>8</sup> Walter Burkert, *Op. Cit.*, p. 289.

transe com relutância e entrou em depressão, tendo os presságios sido desfavoráveis. Refere que falou com voz rouca, como se estivesse aflita, desde o princípio, e pareceu estar cheia de um espírito mau, tendo-se precipitado para a porta e caído no chão. Quando a levantaram, encontraram-na bem, mas morreu pouco depois.<sup>9</sup>

Algo semelhante a este episódio parece pairar neste poema, remetendo também para a reiterada perdição a que, por vezes, Apolo ou o seu oráculo conduzem. Apolo é um dos deuses mais importantes da *Ilíada* e, sendo o mais grego dos deuses, na *Ilíada* defendera os Troianos. Aquiles, o maior dos heróis gregos, foi morto através de uma seta envenenada que Apolo lhe dirigiu ao calcanhar, único lugar em que era vulnerável. Apolo é um deus perigoso, como afirma Walter Burkert<sup>10</sup>.

O seu legado, uma cópia romana num museu, uma criança, são apontados no poema 18. A infância e a criação artística ligam e perpetuam uma herança na qual nada é acaso:

*No museu, à beira de um Apolo  
copiado mais tarde por quem ainda cria,  
sorri-se uma menina.  
Também ela tardia, mas não tão cedo  
os pais a levaram, frágil, fútil,  
a saber de perto que tudo é como ela  
assim subtil sorrindo, e nada acaso.* (R.M., p. 538)

Esta estátua do deus como que vai convocar a sua epifania. Regressa de novo o tempo mítico enunciado por Hölderlin:

*Götter wandelten einst bei Menschen, die herrlichen Musen  
Und der Jüngling, Apoll*

*(Os deuses vaguearam um dia entre os homens, as Musas soberbas  
E o jovem, Apolo<sup>11</sup>).*

<sup>9</sup> Plutarco, *Pyth orac.* 22. 405 c., apud E.R. Dodds, *Op. cit.*, p. 84.

<sup>10</sup> Walter Burkert, *Op. Cit.*, p. 290.

<sup>11</sup> Friedrich Hölderlin, *Gedichte*, Hrsg. Von Joachen Schmidt, Frankfurt am Main, Deutsche Klassike Verlag, 1992, p. 625, poema (*Götter wandelten einst*). (tradução nossa).

Assim, no poema 19, assistimos ao ponto alto da intersecção entre o sujeito poético e o deus:

*E eu, qual o tesouro que te trago,  
ó deus de solidão e companhia,  
lábil senhor, cruento, orago  
do nigérrimo sumo e flor do dia?*

*Mais que subir a pino esta ladeira,  
ao percorrer tesouros de outros dados,  
al te não dou; nesta manhã inteira  
tu sobes comigo, Sol, acompanhados. (R.M., p.)*

De notar, neste poema, o binómio especular: *solidão e companhia, cruento; orago* e o atributo: *nigérrimo sumo e flor do dia*. O Poeta não traz nenhum tesouro, mas conquista uma dádiva. Após a plenitude atingida nessa *manhã inteira*, ambos sobem a colina, *Sol, acompanhados*.

A designação de Apolo, como deus do Sol, data do século V a. C.<sup>12</sup> No poema 20, a viagem termina e o olhar mágico desvanece-se. De Apolo sobram as pedras do lugar sagrado com o qual se confunde. O seu fulgor mantém-se nos brilhantes rochedos de Delfos: as Fedríades. Do outrora vicejante lugar, resta a vegetação abandonada, junto ao seu oráculo extinto:

*o verde baço e prata  
o ronco calcinado pelo silêncio,  
toda a perturbação patente  
mas calada.  
Aqui, ou nada. (R.M., p. 540)*

Mas esse lugar permanece como um vulcão latente, que pode entrar em erupção e deflagrar poesia. Segundo E. R. Dodds, Sócrates, no *Fedro*, afirma que as nossas maiores bênçãos nos chegam por via da loucura. No entanto, o pai do racionalismo ocidental acrescenta: desde que a loucura nos seja dada por um dom divino. E distingue quatro tipos de loucura: a profética, cujo

<sup>12</sup> Walter Burkert, *Op. Cit.*, p. 294.



patrono é o deus Apolo; a ritual ou misteriosa, cujo patrono é Dioniso; a poética, inspirada pelas Musas e a erótica, inspirada por Eros e Afrodite.<sup>13</sup>

É à loucura inspirada pelas Musas que seguramente Horácio se refere, na epígrafe de abertura deste estudo. Talvez a adivinhação poética, ou algo equivalente nos parâmetros da actualidade, continue a actuar. Maritain, na sua obra *Creative Intuition in Art and Poetry*, afirmou:

*Por poesia entendo... essa intercomunicação entre a essência interior das coisas e a essência interior da criatura humana que é uma espécie de adivinhação.*<sup>14</sup>

Tal é a poesia de Pedro Tamen que se desenrola entre as criaturas e as essências, pairando no rasto vivo que a palavra poética nos deixa:

*Alga de luz, submisso assunto  
é este amor de face repousada  
que dorme toda a noite  
e acorda vivo.*(R. M., p. 696).

MARIA DO SAMEIRO BARROSO

---

<sup>13</sup> E.R. Dodds, *Op. cit.*, p. 75.

<sup>14</sup> Maritain, *Creative Intuition in Art and Poetry*, apud Umberto Eco, *A definição da Arte (La definizione dell'arte*, U. Mursia & C., 1968, 1972), tradução José Mendes Ferreira, Lisboa, Edições 70, p. 111.